

Tipo: Artículo original - **Sección:** Dossier: Núcleo Disciplinario "Literatura, Imaginarios, Estética y Cultura"- AUGM

A malungagem em Louças de Família de Eliane Marques

The malungaje in Louças de família
[Family crockery] by Eliane Marques

Jorge H. Wolff

*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Santa Catarina, Brasil.*
<https://orcid.org/0000-0001-7856-607X>

e-mail: jocawolff@gmail.com

Recibido: 26/11/2024

Aprobado: 19/3/2025

RESUMO

“Malungagem” é um conceito desenvolvido pelo crítico e professor Jerome Branche para refletir sobre a resistência e a sobrevivência no contexto da escravidão africana, significando um “primeiro princípio para o imaginário discursivo da diáspora”, bem como “um amplo tropo fundacional ‘contradiscursivo’ para a política cultural e para a ação política negras”. O termo “malungo” se disseminou de diversas formas no Brasil, tendo batizado o maior quilombo do estado de Pernambuco no início do século XIX, o Quilombo do Malunguinho, e se tornado corrente no campo da cultura brasileira desde então. Sua disseminação coincide com a emergência da consciência negra nos Estados Unidos no século XVIII, tendo resultado nos diferentes modos de quilombismo experimentados nas Américas. No ensaio “Malungagem: para uma poética da diáspora africana” (2009; 2015; 2024), o autor expande a noção de malungo (termo de origem bantu) sob a forma de um conceito que, em seus registros e variações translocais e em suas dimensões políticas, inclui “ideias de intersubjetividade, reconhecimento mútuo e solidariedade subalternas”. Assim, em recorte transgeracional e trans-racial, lemos o conceito de malungagem neste trabalho para pensar o romance *Louças de família* (2023), de Eliane Marques, uma vez que nele é reescrita a contrapelo a história dos afrodescendentes na fronteira do extremo sul do Brasil com o Uruguai, da escravidão ao tempo presente. Também são trazidos à baila os conceitos de razão negra e de brutalismo do filósofo Achille Mbembe, vistos enquanto possíveis extensões políticas e contrapontos teóricos ao conceito de malungagem.

Palavras-chave: malungagem; brutalismo; consciência negra; romance experimental.

ABSTRACT

“Malungagem” is a concept developed by critic and professor Jerome Branche to reflect on resistance and survival in the context of African slavery, signifying a “first principle for the discursive imaginary of the diaspora” as well as “a broad foundational ‘counterdiscursive’ trope for black cultural politics and political action. The term “malungo” spread in different ways in Brazil, having named the largest quilombo in the state of Pernambuco at the beginning of the 19th century, Quilombo do Malunguinho, and has become current in the field of Brazilian culture since then. Its dissemination coincides with the emergence of black consciousness in the United States in the 18th century, resulting in the different forms of quilombism experienced in the Americas. In the essay “Malungaje: toward a poetics of diaspora” (2009; 2015; 2024), the author expands the notion of malungo (term of Bantu origin) in the form of a concept that, in its translocal registers and variations and in its political dimensions, includes “ideas of intersubjectivity, mutual recognition and subaltern solidarity”. Thus, in a

Conflictos de Interés: ninguno que declarar

Fuente de financiamiento: sin fuente de financiamiento.

DOI: <https://doi.org/10.47133/NEMITYRA20250101c-A7>

BIBID: 2707-1642, 7, 1, pp. 68-75

Editor responsable: Mariné Nicola (<https://orcid.org/0000-0001-9729-5893>). Universidad Nacional del Litoral, Facultad de Humanidades y Ciencias, Argentina.

transgenerational and transracial perspective, we read the concept of malungagem in this work to think about the novel *Louças de família* (2023), by Eliane Marques, since it rewrites against the grain the history of Afro-descendants on the border of the extreme south of Brazil with Uruguay, from slavery to the present time. Philosopher Achille Mbembe's concepts of black reason and brutalism are also brought to the fore, seen as possible political extensions and theoretical counterpoints to the concept of malungagem.

Keywords: malungagem; brutalism; black consciousness; experimental novel.

Introdução

Me sinto meio Carolina Maria de Jesus, a minha geração deve ser a do quarto de despejo, escrevendo aqui o que leio no grupo de inhaí e falando aqui o que não digito lá – [...] Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornecem os argumentos”.

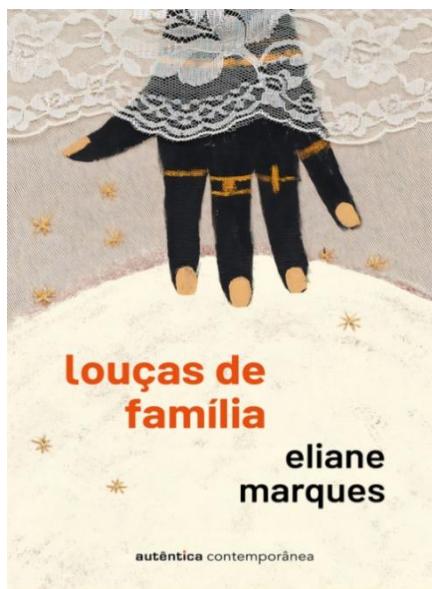
Cuandu/Eliane Marques

Este breve trabalho foi apresentado inicialmente em forma de comunicação oral no marco do III Simpósio Internacional “Imaginarios de lo contemporáneo: literatura y artes de la imagen en América Latina”, organizado pelo “Nucleo Disciplinario Literatura, Imaginarios, Estética y Cultura” da AUGM (Asociación Universidades Grupo Montevideo), do qual faço parte, e celebrado ao vivo (vale sublinhar nos tempos que correm) na cidade de Asunción, Paraguai, na sede da Faculdade de Filosofia da Universidad Nacional de Asunción durante os dias 18 e 19 de novembro de 2024. Pequena homenagem, a apresentação foi dedicada ao maior líder quilombola brasileiro, Zumbi dos Palmares (nascido em 1655 e morto em 20 de novembro de 1695) diante do fato de que no dia seguinte, 20 de novembro de 2024, seria comemorado pela primeira vez como feriado nacional o “Dia da Consciência Negra”, tendo ficado oficialmente em segundo plano a data do fim da escravatura no Brasil imperial, 13 de maio de 1888. A data de 20 de novembro foi instituída em 2023 pela atual ministra da Cultura, Margareth Menezes, como parte da reflexão sobre a relevância da contribuição da cultura africana no país e também como parte da luta antirracista contemporânea. O que se lê adiante são as primeiras e precoces abordagens de um texto tentativo que faz parte da pesquisa intitulada “Nem campo nem cidade. Autografias periféricas na literatura brasileira”, iniciada no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina em 2022, a qual mira diferentes objetos artístico-políticos, dos diários de Lima Barreto até as “memórias” de Cuandu/Eliane Marques, passando por, entre outras/os, Patricia Galvão (Pagu), Marilene Felinto e Carolina Maria de Jesus.

Malungagem e *Louças de Família*

Assim como em muitos outros territórios da experiência e dos saberes da diáspora africana nas Américas, a *malungagem* está disseminada pelas páginas de *Louças de família*, o romance de estreia de Eliane Marques, escritora, advogada e psicanalista nascida na margem extrema do sul do Brasil, ou seja, na fronteira do estado do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Seu título remete às chamadas “casas de família”, aquelas exclusivas da gente branca de origem

europeia, e às “louças partidas”, as únicas passíveis de serem doadas às serviçais negras de suas “boas famílias”. Exponho sucintamente como se desenvolvem o referido conceito e o referido romance, dado que a *malungagem*, na versão de seu proponente, o crítico e ensaísta Jerome Branche, tem circulado aos poucos, desde seu aparecimento em espanhol como *malungaje* numa revista colombiana em 2009, depois em inglês no livro de sua autoria, *The poetics and politics of african diaspora. Transatlantic musings* (2015), e agora na língua brasiliense (em tradução de Sérgio Leite Barboza publicada em 2024 na revista *Landa*). De maneira semelhante, isto é, aos poucos e num crescendo, apenas começou a circular o romance de Eliane Marques, lançado em abril de 2023 pela Editora Autêntica, o qual obteve no dia 11 de novembro de 2024 o Prêmio São Paulo de Literatura (um dos principais do país) na categoria romance de estreia. Também está em andamento uma tradução sua ao inglês, nos Estados Unidos, o que representa um imenso desafio em função de sua linguagem híbrida, experimental e transgressiva.



No ensaio “Malungagem: para uma poética da diáspora africana” (2009, 2015, 2024), Jerome Branche expande a noção de *malungo* (termo de origem banto) sob a forma de um conceito que, desde sua etimologia, será pensado “como uma espécie de princípio básico para o imaginário discursivo da diáspora” (Branche, 2024, p. 326). Em seus “registros e variações translocais” e em suas dimensões políticas, o conceito inclui “ideias de intersubjetividade, reconhecimento mútuo e solidariedade subalterna” (p. 327). Oriundo da diáspora africana e da experiência da escravidão nas Américas, o termo “malungo” se disseminou de diversas formas no país, tornando-se corrente no campo da literatura e da cultura brasileiras desde o *Mafuá do malungo* (1948) de Manuel Bandeira até os *Malungos na escola. Questões sobre culturas afrodescendentes e educação* (2007) de Edmilson de Almeida Pereira, entre muitas outras manifestações da cultura popular, da música ao carnaval.

Brutalismo, razão negra e *Louças de Família*

Quanto ao conceito de “brutalismo”, o filósofo camaronês Achille Mbembe apropria-se dele nos campos da arquitetura e das artes plásticas para pensá-lo sob novos avatares e enquanto extensões de sua reflexão sobre o que chamou de “necropolítica” e de “razão negra”. Publicado originalmente em 2020, o ensaio *Brutalismo* busca definir os vários modos contemporâneos de “combustão do mundo” sob a forma da “dominação universal”, da “fratura”, do “animismo”, do “virilismo”, dos “corpos-fronteiras”, das “circulações”, da “comunidade dos

cativos”, até chegar a um vislumbre de uma “humanidade potencial e política do vivente”. Sempre tendo em mente a colonização da África, o ensaio de Mbembe estimula, no entanto, a pensar sobre outras geografias políticas e estéticas, sobre outros poderes geomórficos e sobre outros modos da margem, a exemplo do que ele exalta na plasticidade das manifestações artísticas e rituais originárias de África.

Assim, se existe e se expande a *malungagem* como traço de união, afetividade, resistência e sobrevivência na tradição afro-brasileira, esta se dá em contraste e oposição a um movimento exploratório, e catastrófico para os explorados, de cerca de quinhentos anos que se poderia denominar de capitalismo globalizante ou universal. De modo que o brutalismo e a combustão do mundo como era pós-histórica, ou suas lógicas de combustão, nos termos de Achille Mbembe em referência ao continente africano, infelizmente se repetem enquanto marca registrada da nação continental chamada Brasil, em seus recorrentes surtos de modernização conservadora, seja ela colonial, imperial ou moderna – neste último caso, entre golpes militares e frágeis experiências democráticas até os dias de hoje. Estendendo uma ponte entre a ancestralidade africana e a cultura brasileira, o romance de Eliane Marques enfrenta esse estado de coisas com singular energia e violência estético-política em uma linguagem que transita entre a prosa e a poesia, o português brasileiro, o espanhol uruguaio e o iorubá nascido na região da Nigéria. Assim, na realidade histórica e política brasileira e em *Louças de família*, a fronteira entre países marca uma divisão territorial em que línguas e etnias – reconfiguradas na narrativa – foram e são esmagadas por uma marginalização social e cultural como projeto político-ideológico que transcende os limites nacionais. No romance se escreve a partir das mortes das *abuelas*, mães e tias pretas e pobres ancestrais, serviscais herdeiras de serviçais escravizadas na fronteira do sangue dos matadouros de gado, depois modernizados e transformados em frigoríficos – e depois, quer dizer hoje, transformados em terras e silos de arroz e de soja, e quase mais nada. Agregue-se que restam apenas 7,5 por cento de Mata Atlântica no estado do Rio Grande do Sul, cujas sucessivas catástrofes ambientais em forma de grandes inundações falam por si.

Cuandu em *Louças de família*:

Apesar desse sentimento condenado pelos bons cristãos e pela boa etiqueta [o ódio], que sempre têm elogios para as mulheres negras de fala algodoada, também não é por nenhum amor tirânico que arranco do meu corpo estas memórias. [...] Preciso expor o peso dos quatrocentos anos de insulto de paciência de esforços herculanos para apenas querer viver um pouco. (Marques, 2023, p. 80)

Mbembe em *Crítica da razão negra*:

Operando do fundo dos porões, [os escravizados] foram os primeiros foguistas a alimentar as fornalhas da nossa modernidade. E, se há algo que desde sempre assombra a modernidade, é justamente a possibilidade de um acontecimento singular, “a revolta dos escravos”, que assinalaria não apenas a libertação dos subjugados, mas também uma reformulação radical, se não do sistema da propriedade e do trabalho, ao menos dos mecanismos de sua redistribuição e, a partir daí, das bases da reprodução da própria vida. (Mbembe, 2018, p. 77)

O que se lê na noção de “razão negra” (em ensaio publicado originalmente em francês em 2013 intitulado *Crítica da razão negra*), assim como no clássico livro de Paul Gilroy, *O Atlântico negro* (1993), também se pode ler no conceito afro-brasileiro de *malungagem*

cunhado por Jerome Branche: “[...] uma longa tradição de coidentificação e de *preocupação mútua* terá caracterizado as relações dos negros entre si, a despeito de sua dispersão” (Mbembe, 2018, p. 57, destaque do autor). Trata-se, no caso da *Crítica da razão negra*, de um ensaio que antecede aquele dedicado por Mbembe ao brutalismo (2020), no qual se fez a crítica da invenção e imposição das ideias de negro e de raça como determinantes dos destinos do capitalismo ocidental. De modo que o fraturamento, a fissuração, a necropolítica contemporâneas – como também as denominou Mbembe – atravessam este romance brasileiro recente, em que uma narradora negra chamada Cuandu vai enterrando suas mortas em quase trezentas páginas ambientadas na fronteira geográfica e cultural onde a própria autora nasceu e que a ela se refere como uma “cidadezinha que não se decide entre nome de santa nome de ana ou de liberdade” (Marques, 2023, p. 11) e que, na crua realidade da campanha gaúcha, se chama Santana do Livramento. Logo na sequência a narradora volta a se referir à “cidade com nome de santa, bem na fronteira seca com a cidade que carrega nome de general [Rivera], ao norte do país do rio dos pássaros pintados [o Uruguai]” (p. 14). Já, na espécie de advertência que antecede a epígrafe do livro, e também nesta, é apresentada à leitora (sempre no gênero feminino no livro) uma pequena amostra do que terá pela frente em termos de forma e conteúdo.

Reproduzo a advertência, ela própria cortada em versos e justificada à direita, mirando a desvinculação entre o ficcional e o documental, ou antes seu total imbricamento:

Quem esteve próxima a saborear das casas
bolichos estradas pelas quais passou Cuandu,
a narradora, supôs que identificá-las
ajudaria a leitura destas Louças. A busca foi vã.
A escritura fez delas ostras. Fatos lugares gentes
ainda que pensadas parentesuas (de quem lê)
pertencem à dimensão do mundo de Cuandu.
Aí o eu o tu e o nós estranham a mesma concha.
(Marques, 2023, p. 5)

Tanscrevo a seguir a epígrafe do livro, destacada em itálico: “*Ilhas às vezes são habitadas por pombas / escuras. Outras vão caindo, lavando feridas, / velhas imundícies; então são de água. Georgina Herrera*” (p. 7). O que se saberá ou suporá apenas mais adiante no romance é que a poeta cubana em questão, nascida em Jovellanos em 1936 e falecida em Havana em 2021, foi traduzida pela própria autora de *Louças de família*, já que na nota de rodapé de número 4 lê-se que certo trecho da página 29 foi “Baseado no poema ‘Dúvida’, de Georgina Herrera (livro *Cabeças de Ifé*, Escola de Poesia, 2021, traduzido por Eliane Marques)”, além de ter sido cantado como um samba (como se pode ler na página seguinte). Note-se que a nota de rodapé é recurso usado ao longo do livro, ainda que com parcimônia, para referenciar autores brasileiros e estrangeiros ou para comentar algum termo incomum, já que sua escritura é atravessada, como foi dito, por diferentes idiomas e por frequentes neologismos, dispensando com frequência igualmente o uso de letras maiúsculas e de vírgulas.

Gênero bandido, romance-invenção, alterbiografia

Variante do romance como “gênero bandido”, na expressão de Silviano Santiago¹, ou do “romance-invenção”, na acepção de Haroldo de Campos² – ambos em referência ao gênero na modernidade e nas vanguardas históricas –, *Louças de família* é, portanto, uma *novela bandida*, *novela-invención* ou *antinovela* (para nomeá-las em castelhano) pós-moderna e pós-vanguardista que volta a desafiar não apenas o gênero *novela* ou romance, mas qualquer ideia de cânone e de bons modos literários, ao narrar os afetos do bem e do mal e a própria violência com afetividade mas de modo invariavelmente violento. Que afetos são esses? Talvez os conceitos de malungagem e de brutalismo, juntos e em contraste, os possam traduzir. Afinal, se *Louças de família* opta por uma prosa poética em que pipocam termos do espanhol e do iorubá, com direito a muitos neologismos estranhos mas eficazes na narrativa – como *minhancestra* – ou mesmo escandalosos e provocativos – como *expaimeu*, que fala por si na sua irrupção frequente e sem concessões, se poderia referir igualmente ao seu experimento romanesco iniciado durante o lapso pandêmico como uma *alterbiografia*³ preta da autora Eliane Marques, concluída e datada, à maneira de Lacan, no impessoal: “Este livro terminou de se escrever em janeiro de 2023” (Marques, 2023, p. 276). Nascida a autora na década de 1970, sendo o romance ambientado nesse espaço híbrido do encontro entre Santana do Livramento e a “cidade com nome de general”, a região é um enclave ou antes uma encruzilhada conhecida por seu comércio há muito tempo decadente e pelo trânsito fluido entre duas tradições culturais hegemônicas de origem europeia: suas ruas, avenidas e linhas de fronteira imaginárias foram construídas e alimentadas pelo sangue e pelos corpos dos povos originários e de afro-descendentes transplantados à força para o trabalho escravo no mercado do charque e da carne. Sendo que, hoje e ontem, como cantaram Elza Soares e Seu Jorge, “a carne mais barata do mercado é a carne negra” (segundo a composição de Marcelo Yuka, Ulisses Cappelletti e Seu Jorge). Na parte final do romance são narradas diferentes insurreições “calhambolas”, desde a chegada, “em insabida data de 1831”, de “parentaminhas e parentemeus embarcados a fórceps num navio” (Marques, 2023, p. 177), até o assalto a uma grande charqueada em que “o plano era libertar os parentenossos e atear fogo na casa principal” (p. 203).

De tal modo que, na narrativa de Eliane Marques, a linguagem vem marcada pelo olhar da poeta afro-descendente que vive-escreve uma ficção memorialística fragmentária em prosa poética anárquica (vale adjetivar aqui desse modo o gênero literário desgastado), mas igualmente afetada ou instigada pela figura da psicanalista – denominada “minhanalista” ao longo do romance – e pela própria tradição psicanalítica desde Sigmund Freud⁴. O que é

¹ “Gênero bandido, moderno porque liberto das prescrições das artes poéticas clássicas, o romance surge como consequência de uma busca de autoconhecimento da subjetividade racional” (Santiago, 2002, p. 34-35).

² Paratexto de Haroldo de Campos em Andrade, Oswald de (1972). Ver Referências bibliográficas.

³ Termo cunhado por Ana Maria Bulhões-Carvalho enquanto uma variante do conceito de autoficção, sendo a alterbiografia um movimento interno à narração em que a ficção e a experiência da criação escrita se dariam em fusão. Cf. Bulhões-Carvalho, A. M. Jogos, máscaras e olhares. A constituição do narrador em Silviano Santiago. O caso de *Em liberdade*. Ver Referências bibliográficas. O adjetivo “preta” corre por minha conta e risco – eu, branco, cisgênero, nascido em Porto Alegre, descendente de europeus chegados ao Brasil no século XIX, com direito a cotas de terras e benesses governamentais e materiais à época e depois.

⁴ Em *Louças de família* Freud é mencionado explicitamente em passagem na qual Cuandu se assume como alter-ego de Marques: “Ao falar do ensaio moisés e a religião monoteísta a estudantes, usei um vídeo do Olodum”; e logo depois: “Desde então penso num Moisés kemetiano negro” (Marques, 2023, p. 212). Registre-se, a propósito, que a psicanalista Eliane Marques tem proposto uma clínica “ameficana” em que a mitologia greco-latina é substituída pela tradição dos itãs, os relatos míticos da cultura iorubá.

exposto desde a primeira parte do romance com todas as letras na seguinte passagem, bruta e ressentida em seu jardim de corpos e de louças vivas e mortas, na voz da narradora Cuandu:

Minhanalista quer saber de mim quem são hoje os feitores quer saber onde fizeram morada o senhor a sinhá a sinhzinha quer saber onde o patrão a patroa o pastor os donos dos jasmins quer saber se não os incorporei no quartinho dos fundos nos anaquéis do meu armário das louças. Ela diz que posso falar de todas as mulheres da família, mas todas são meus ossos no sustém de quaisquer tiranias. Quem dera toda essa gente estivesse socada num cantinho da saudade. Não, esse monte de gente ainda vive comigo na claroscuridão dos dias.

E seus corpos sem cara me pesam como costurados nos panos de um vestido amarelo com cheiro de banha de cozinha, a mesma que eu passava em meus cabelos de Mammy [a personagem escravizada do filme *E o vento levou*]. Faço tudo, ou quase, com muita dificuldade, estou sem forças. Gostaria de ter poderes de invocar Nanny (atenção, não quero invocar Mammy, mas Nanny), aquela que venceu várias vezes os bakras nas lutas pela libertação da Jamaica, só que já não sei ou nunca soube quais as palavras para pedir o seu socorro às minhas lutas intestinas. Não é falta de vitamina D nem tristeza – tristeza passa –, porém a sensação de ruína já está comigo há tempos. Ossadas me achatam e me impedem a caminhada dentro da própria casa, se arrastam nos babados de meu vestido surrado. Não tenho onde pisar os pés.

Me falta rio. Me falta arroio. Me falta água.

Minhas sandálias vão, jogadas às costas. Além da invasão do corpo por um vírus coroado, temo a presença desses inquilinos e seus pésmãos de mando.

No entanto, não quero todos os rostos de todas essas mulheres; não quero no meu sangue os restos delas, quero o assombro do repouso e então dormir uma noite inteira. Embora os espelhos sejam seumeus ovários, quero garras de cuandu para sair do ventre comendo amoras azedas. (Marques, 2023, p. 43)

Quando se lê que “esse monte de gente ainda vive comigo na claroscuridão dos dias”, leio no romance a *malungagem* além e aquém das instâncias entre a vida e a morte, que definem, como se sabe, as religiões de matriz africana. Cuandu manifesta-se nesse ponto como se atravessasse todos os abismos da existência além e aquém do “fim”, reagindo física e sensorialmente às vísceras das ancestrais com frutas na boca – remetendo, assim, ao romance *Beloved* (Amada, 1987) de Toni Morrison em sua intensa mescla de brutalidade e lirismo, corpo e comida, além e aquém.

Conclusão inconclusiva

Não à toa, a malungagem se dá em *Louças de família* nas instâncias da relação entre vida e morte, desde que a solidariedade subalterna se apresenta nos anúncios de falecimento, destacados em itálico desde o primeiro capítulo, de parentes ou *ancestras* de Cuandu. O questionamento da psicanálise vem no interior do texto, como já se viu na longa passagem acima, e se repete em outros momentos, como na referência a Freud e ao “moisés negro”. Tudo isso faz lembrar a fusão de felicidade e de dor mencionada pelo escritor Mário de Andrade (1893-1945) em diferentes lugares de sua obra⁵. Mas se trata definitivamente, na tradição afro da *malungagem*, assim como em *Louças de família*, de bem outras felicidades e de bem outras dores, que a colonial-modernidade e a tradição patriarcal se negam a vislumbrar, e que aquelas

⁵ Ver por exemplo o poema “XVII” de *Losango caqui* (antologia de poemas de 1926) de Mário de Andrade, cujo último verso diz: “A própria dor é uma felicidade”.

práticas escritas ficcionais e não ficcionais ligadas a uma re-emergência da consciência negra no século XXI passaram cada vez mais a escancarar em suas grafias de vida e de morte.

Referências

- Andrade, M. de (2013). *Losango caqui*. Nova Fronteira.
- Branche, J. (2024). Malungagem: para uma poética da diáspora africana (S. L. Barboza, Trad.). Revista Landa, 12(1), 219-343.
- Branche, J. (2009). Malungaje: hacia una poética de la diáspora africana. Poligramas, (31), 23-48.
- Branche, J. (2015). *The poetics and politics of diaspora: Transatlantic musings*. Routledge.
- Bulhões-Carvalho, A. M. (2011). Jogos, máscaras e olhares. A constituição do narrador em Silviano Santiago. O caso de Em liberdade. En V. P. Chaves (Ed.), *Literatura Brasileira sem fronteiras*. CLEPUL.
- Campos, H. de (1972). [Prefacio]. En O. de Andrade, *Obras completas, Memória sentimentais de João Miramar e Serafim Ponte Grande* (Vol. 2). Civilização Brasileira.
- Marques, E. (2023). *Louças de família*. Autêntica.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (R. Santini, Trad.). n-1 edições.
- Mbembe, A. (2022). *Brutalismo* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições.
- Santiago, S. (2002). *Nas malhas da letra*. Rocco.